



BOLETIM Informativo

Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

ANO I

OUTUBRO/ DEZEMBRO 1995

Nº 2

Comemorações de dois centenários históricos

Palavra do Presidente

É com muita alegria que estamos colocando em circulação este segundo número de nosso "Boletim Informativo", e esperamos tenha a mesma acolhida do primeiro.

Esta publicação preencheu uma lacuna que não devia perdurar: necessitávamos levar, com mais frequência, aos nossos sócios, a notícia dos programas cumpridos ou a cumprir.

Dia 18 de outubro, por exemplo, realizamos uma mesa redonda com dirigentes dos Núcleos Municipais, sob a coordenação da diretora Léa Brígida de Alvarenga Rosa, que teve participação de representantes de Vila Velha, Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá e Cachoeiro de Itapemirim, sendo o núcleo desta cidade, o primeiro por nós fundado, já transformado em Instituto Histórico e Geográfico Municipal, a exemplo do que ocorre em outros Estados.

Foi uma reunião muito proveitosa, em que se lançaram várias idéias e formalizaram-se diversas sugestões no sentido da preservação cada vez mais cuidadosa e rigorosa da história e da geografia de nosso Estado.

É indispensável trabalhar insistentemente junto aos poderes executivos e legislativos estaduais e municipais, a fim de que sejam salvos, conservados e/ou restaurados edificações, monumentos e locais históricos e junto à sociedade em geral, para a doação a este Instituto ou aos Núcleos Municipais, de obras de arte, documentos importantes, coleções de jornais e revistas que não possam ser mantidos por seus proprietários, porque pretendemos ampliar espaços para organizar o Museu Histórico do Espírito Santo.

Nesse sentido, uma das principais medidas por parte deste Instituto será tomar posse, logo que possível, de um dos apartamentos de nossa propriedade no Edifício Domingos Martins, que se encontram atualmente alugados.

Além disso, pelos entendimentos já mantidos, alimentamos a esperança de que o Instituto Histórico e Geográfico participará da utilização do Palácio Domingos Martins, para fins culturais, logo seja inaugurada a nova sede da Assembléia Legislativa, na Praia do Suá.

Vitória, novembro de 1995.

Orlando de Moraes
Presidente

Quando este "Boletim" estiver circulando, dois centenários históricos estarão sendo comemorados: o da instalação do Bispado nesta Capital e o do encerramento do período mais intenso da imigração italiana no Espírito Santo.

Certamente, o primeiro vai merecer toda atenção dos meios católicos, enquanto o Instituto Histórico e Geográfico, associando-se às justas comemorações pela data, fará realizar em sua sede, na Avenida República 374, Parque Moscoso, às 17 horas do dia 29 de novembro, uma mesa redonda sobre a Igreja Católica, tendo como expositores os professores Aylton Rocha Bermudes e José Garajau da Silva e um representante indicado pela Cúria Diocesana.

Quanto aos 100 anos de imigração italiana, além de nosso apoio ao Seminário organizado pela Universidade Federal do Espírito Santo, com a colaboração do Arquivo Público Estadual, faremos realizar também uma outra mesa redonda no mesmo local, às 17 horas do dia 8 de novembro, sob a coordenação de nosso sócio, Sr. João Bonino Moreira e com a participação dos professores Carlo Corsini, da Universidade de Firenze e Diretor do Instituto Histórico e Demográfico, Mauro Reginato, da Universidade de Torino, José Sebastião Witter, da Universidade de São Paulo, Maria Isabel Perini Muniz, da UFES, e dos historiadores Renato Pacheco e Ormando de Moraes.

Pela significação das comemorações, esperamos que ambos os eventos mereçam a maior atenção de nosso seletto quadro de associados.

Nós somos da pátria amada

José Moysés

"A tarefa das novas gerações de brasileiros é tomar este país em suas mãos para fazer dele o que há de ser, uma das nações mais progressistas, justas e prósperas da terra". (Darcy Ribeiro, "O povo brasileiro" pág. 204). Com verdadeiro ufanismo, sem o "ame-o ou deixe-o", com esforço e dedicação, consciência e responsabilidade. E entre as novas gerações de brasileiros, incluídos estamos nós, descendentes dos bravos libaneses, que aportaram na Terra de Santa Cruz, no crepúsculo do século XIX e aurora do século XX. Pedimos vênua ao ilustrado e culto educador, atual senador da República, para discordar de sua opinião, no referente à imigração árabe. Diz que são eles "os imigrantes mais exitosos, integrando-se rapidamente na vida brasileira, esquecendo-se de onde vieram e da vida miserável em seus países de origem". Pelo menos, no que concerne aos libaneses oriundos dos antigos fenícios, não é verídica a afirmação de que, no passado, atuaram sobre a sociedade local armados de preconceitos e incapazes de qualquer solidariedade, lealdade, obrigações familiares e sociais, "para se concentrarem no esforço de enricar". Desprezo e incompreensão por parte dos imigrantes libaneses? Quando Santo Deus? Esquívos e separatistas, organizados em quistos, jamais, em tempo algum. Não vieram os libaneses para o Brasil como usufrutuários da nova terra, desfrutando-a, nela enriquecendo e levando a fortuna adquirida para gozá-la em sua terra de origem. Sua história é, na verdade, uma página de luta, persistência e dificuldades sem fim. Integraram-se na comunidade onde viveram, constituíram grandes famílias, hoje desdobradas

em filhos, netos, bisnetos e tataranetos. Seus descendentes participam das instituições políticas, em seus variados níveis, e ocupam na geração atual posições de governo, todos com fé e orgulho da terra natal. Li, há algum tempo, em "A Insustentável Leveza do Ser", de Milan Kundera: "Se a filha do faraó não tivesse retirado das águas a cesta do pequeno Moisés, não teria havido o Velho Testamento e toda a nossa civilização! Se Pólibo não tivesse recolhido o pequeno Édipo, Sófocles não teria escrito sua bela tragédia!" Convencidos estamos de que a imigração libanesa, ainda que pequena em relação a tantas outras, essas tão mais numerosas e exitosas, se tal não houvesse acontecido, uma boa parte do território brasileiro, em especial o Espírito Santo, não teria alcançado o progresso atingido em seu comércio e suas atividades mercantis. Miscigenaram-se, não se enquistaram. País de língua árabe é o Líbano, o mais ocidentalizado de todos os outros.

Somos orgulhosos da nossa ancestralidade. Nenhum escritor, por mais ilustre que seja, haverá de manchar a honra de nossos antepassados, a sua origem e a sua incorporação na parcela do desenvolvimento da nossa pátria. A história no-lo afirma, atesta. Nossos pais amaram o Brasil, educaram seus filhos na trilha do dever e, como na letra do Hino Nacional: "Se a pátria amada for um dia ultrajada, lutaremos com fervor!". "Como é sublime saber amar" e nós amamos a terra em que nascemos. Não há país como este!

(Transcrito de A Gazeta, de 02/10/95)

Expediente

Informativo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

Editor: Marien Calixte
Comissão: Miguel Depes Tallon, Irsson da Silva, Renato Pacheco e José Hygino de Oliveira

Diagramação/Editoração: Birô de Serviços
Impressão: Sagraf Artes Gráficas Ltda-Tel.223.1377

DIRETORIA 1993 - 1996

Presidente - Ormando de Moraes
1º Vice-Presidente - Miguel Depes Tallon
2º Vice-Presidente - Léa Brigida de Alvarenga Rosa
3º Vice-Presidente - José Hygino de Oliveira
4º Vice-Presidente - José Paulo de Sousa Filho
Secretário Geral - José Garajau da Silva
Secretário Adjunto - Victor Biasutti
Tesoureiro Geral - João Bonino Moreira
Tesoureiro Adjunto - Paulo Stuck Moraes
Orador - José Garajau da Silva
Vice-Orador - Aylron R. Bermudes e Neida Lúcia de Moraes

Aos Idosos: Carinho e admiração

Windsor Calmon Fernandes

Desde minha adolescência sempre gostei da companhia e de conversar com as pessoas mais velhas. Muito aprendi e assimilei com suas experiências de vida. Seus conselhos sempre me ajudaram e continuam a me guiar em muitas de minhas decisões na vida. Seus cabelos brancos sempre me inspiraram respeito e admiração. Não me constranjo em dizer que meus melhores amigos e amigas sempre foram as pessoas mais velhas.

Fico revoltado e triste quando vejo milhares de idosos por este Brasil afora, aposentados, em filas intermináveis, nos bancos ou nos postos da Previdência, humilhados, dormindo sob as marquises, para receber seus parcos vencimentos, para não dizer míseros reais, que mal dão para comprar alguma coisa.

São pessoas que deram uma vida inteira de trabalho para o nosso País. São eles que construíram o nosso País. Deram seu sangue no dia-a-dia, anos a fio, para as nossas gerações usufruírem hoje. Não são poucos, para não dizer milhares de aposentados, que, para conseguir sobreviver, após 30 a 35 anos de trabalho, são obrigados a fazer "bicos", pois seus salários se atrofiam a cada mês. É uma falta de respeito e consideração, para não dizer desrespeito aos direitos humanos, de nossos governantes para com os nossos idosos.

Cada período de nossa vida nesta Terra oferece oportunidades e desafios, e são eles que desenvolvem a maturidade física, mental, emocional e espiritual. Nem sempre compreendemos as oportunidades de desenvolvimento que nos são ofertadas. Quando somos jovens queremos ser mais velhos; e quando estamos velhos, desejamos voltar a ser jovens.

O poeta inglês William Lyon Phelps disse: "Dizer que a juventude é mais feliz que

a maturidade é como afirmar que o cenário visto do pé de uma torre é mais bonito que aquele que se avista do seu topo".

Em muitas sociedades, inclusive a nossa, valoriza-se em demasia a juventude. Vejam os comerciais de nossas emissoras de televisão. À medida que avançamos em idade, somos pressionados a negar que estamos envelhecendo, sendo isto muito comum nas mulheres. É comum se afirmar que é descortês perguntar a idade de uma mulher, como se toda mulher ficasse eternamente jovem.

Não há mal algum em cuidarmos de nosso corpo, submetendo-nos a cirurgia plástica, freqüentando academias de ginástica, spa, etc., porém sabemos que o peso da idade vem com o tempo, queiramos ou não. É utópica a juventude eterna. À medida que envelhecemos tornamo-nos mais felizes e experientes, se vivermos sabiamente.

Ao envelhecermos, nossa visão se alarga imensamente; o horizonte é afastado para mais longe. O Rei Salomão, em sua sabedoria, escreveu: "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu".

À medida que avançamos em idade, sentimos uma diminuição de nossa força física, e nossa saúde se torna mais debilitada, mas não quer dizer que devemos sentar numa cadeira de balanço de pijamas e esperar a morte chegar. Os geriatras aconselham a se exercitar, viajar, fazer amigos, para vencer a depressão e a solidão.

Devem praticar o sexo regularmente; ter lazer, freqüentando bailes, teatro e cinema. O idoso deve cuidar de sua aparência física, ainda cultivando a vaidade, seja homem ou mulher. Enfim, viver a vida em sua plenitude, amando, exercitando-se, divertindo-se, convivendo, mas, principalmente, agradecendo a Deus sempre pelo dom da vida.

(Transcrito de A Tribuna, de 28/08/95)

Intensas atividades do

Consoante programação divulgada no Boletim 1, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo vem cumprindo intensa atividade.

No dia 23 de agosto o consócio Armando Marques Vieira proferiu significativa palestra "**A propósito de um programa florestal para o Espírito Santo**". O assunto deu ensejo a animados debates e servirá para um dos Cadernos a serem lançados até o final do ano. Será divulgado entre os Poderes Públicos do Estado e constituirá objeto de debate dentro da programação do ano vindouro.

No dia 6 de setembro o consócio Irysson da Silva proferiu palestra sobre **Maria Ortiz**, em que fez completo levantamento bibliográfico sobre a heroína capixaba, concluindo pela historicidade de sua existência.

No dia 13 de setembro o Prefeito Paulo Hartung recebeu o título de sócio benemérito da Casa do Espírito Santo. Foi saudado pela Oradora do Instituto, Professora Neida Lúcia de Moraes e agradeceu com importante pronunciamento. Na mesma ocasião foi lançada pela Secretaria de Cultura da PMV a reedição da obra **Vitória Física**, de Adelfo Poli Monjardim, nosso Presidente de Honra, e o Instituto lançou o número 45 de sua revista anual.

No dia 20 de setembro o consócio Renato Pacheco proferiu palestra sobre **O capixaba, uma pré-visão antropológica** tendo sido questionado, em virtude do grande interesse atual em que buscamos nossa identidade cultural.

No dia 27 de setembro, o consócio Christiano Woelffel Fraga pronunciou palestra sobre **Transformações urbanas em Vitória**, em que, com exame da bibliografia pertinente, estuda a evolução de nossa cidade, desde o século XVI, e faz, como arquiteto e estudioso do urbanismo que é, previsões para o século que se avizinha.

Além destas atividades intramuros, o Instituto está desenvolvendo atividades municipais através dos Núcleos de Linhares, Colatina, Cachoeiro de Itapemirim, Vila Velha, Santa Maria do Jetibá e Santa Leopoldina. Destaque especial para o SERLIHGES de Linhares, que lançou recentemente o **Guia Histórico e Geográfico das Ruas de Linhares** e coordenou, através de sua presidenta Professora Maria Lúcia Zunti a monumental edição nº 8, de agosto de 1995, da **Revista da Terra**.

Em outubro, no dia 18, sob a coordenação da vice-presidente prof^a Léa Brígida de Alvarenga Rosa, tivemos a esperada primeira reunião,

Instituto, no 2º semestre

em nossa sede, de representantes dos Núcleos Municipais. Compareceram Valsema Rodrigues da Costa, de Vila Velha, Condebaldes Menezes Borges, de Santa Leopoldina, Luiza Maria Sossai Berger, de Santa Maria de Jetibá e Onofre Macedo, do Instituto Histórico e Geográfico de Cachoeiro de Itapemirim, originário do primeiro Núcleo Municipal por nós fundado. Justificaram sua ausência os Núcleos de Colatina e Linhares.

A reunião foi uma agradável surpresa, visto que, pelos pronunciamentos dos participantes, sentimos que os membros dos Núcleos Municipais têm muito a oferecer para o trabalho geral de preservação da história e da geografia **de nosso Estado**.

Ainda em outubro, mais precisa-

mente dia 25, ouvimos mais uma interessante palestra do prof. Mário Bonzano, desta vez sobre a Organização das Nações Unidas - a ONU, que completou 50 anos de fundação no mês passado.

Chamamos a atenção de nossos sócios para o fato de que, além das mesas redondas relativas aos centenários da imigração italiana e da instalação do Bispado no Espírito Santo, noticiadas com destaque na primeira página deste "Boletim", teremos ainda, dia 22 de novembro, a palestra do Prof. Joaquim Beato sobre "Zumbi - 300 anos de sua morte", e finalmente, dia 13 de dezembro, o almoço festivo de encerramento das atividades de 1995, de adesão aberta a todos os sócios.

LANÇAMENTOS DE LIVROS

Este ano ainda teremos, em nossa sede, quatro lançamentos de livros, sempre às 17 horas.

Dia 8 de novembro será lançado o livro "Espírito Santo - Estado, interesses e poder", da Professora Marta Zorzal e Silva; dia 22 do mesmo mês será a vez do livro "Aquém da infância" do poeta Carlos Nejar, ambos os autores de nosso quadro de associados; e dia 6 de dezembro teremos o lançamento dos livros "Soldado 2284", de nosso vice-presidente José Higino de Oliveira, o Taneco, e "Poemas" de Jair Amorim, ocasião em que sua irmã e nossa sócia Yvonne Amorim, fará entrega ao Instituto dos prêmios recebidos em vida pelo saudoso poeta e compositor.

No mesmo dia 6 de dezembro serão lançados também mais dois volumes de nossa coleção "Cadernos": "A propósito de um programa florestal para o Espírito Santo", de Armando Marques Vieira e "A propósito do Mestre Álvaro" de Ricardo Brunow Costa.

Nos 50 anos da II Grande Guerra

OS COMANDOS ATACAM EM BEDA-LITTORIA

Zoel Correa da Fonseca

Cirene fora uma imponente colônia grega no litoral norte-africano. De seus templos e colunatas destruídos por um terremoto, restara apenas uma relíquia achada por soldados italianos, em 1913. Após um dos grandes temporais, tão freqüentes na região, depararam-se com a Vênus de Cirene - um dos mais belos e valiosos tesouros artísticos trazidos da antigüidade clássica até aos nossos dias, por obra do acaso.

As ruínas de Cirene estendiam-se até à pequena cidade colonial italiana de Beda-Littoria - pouco mais que uma aldeia árabe, naquele mês de novembro de 1941. A Segunda Guerra Mundial entrara em seu terceiro ano e o prédio da Prefeitura de Beda-Littoria abrigava o Quartel-General da Intendência do "Afrika Korps" - o Grupamento Blindado da Wehrmacht, sob o comando do Major-General alemão Erwin von Rommel.

Por razões até hoje não esclarecidas, o Serviço Secreto britânico incidiu num grande erro, que deu origem a um episódio tragicômico na guerra africana: empreendeu a arrojada tentativa de mudar os rumos da guerra, através da eliminação do General von Rommel - "a raposa do deserto"... em Beda-Littoria!...

Tudo fora disposto no Gabinete do Almirante Sir Roger Keyes - Chefe de todos os Comandos e Ações Especiais do Estado Maior Britânico.

Na opinião do Primeiro Ministro Sir Winston Churchill, tal sacrifício se impunha para uma vitória na África e isso justificava

o risco assumido pelo Almirante Keyes, colocando seu filho - major Geoffrey Keyes - no comando da incursão.

A operação seria efetuada à meia-noite de 17 para 18 de novembro e coincidiria com a ofensiva inglesa para libertar a cidade-fortaleza de Tobruque.

Os submarinos Torway e Talisman deveriam desembarcar os cinqüenta e três homens dos Comandos ingleses selecionados para a missão, no litoral da Cirenaica. Chegaram ao ponto combinado na noite de 15 de novembro. Um facho de luz vindo de terra informou que o local estava desimpedido.

A violência das ondas tornava o desembarque excessivamente arriscado. O mar tempestuoso virava os botes de borracha, despejando seus tripulantes na água gelada.

Após grande sacrifício, vinte e dois homens do Torway chegaram à terra. Do submarino Talisman, somente sete alcançaram a praia. Muitos dos homens tiveram que ser, literalmente, pescados do mar borrascoso e dois deles pereceram afogados.

Dos vinte e nove Comandos desembarcados, quatro permaneceram nas imediações, sob as ordens do Coronel Laycock, a fim de garantir o reembarque. Os restantes caminharam durante 15 minutos, até encontrar um misterioso árabe: era o Coronel J.E. Haselden - intrépido Oficial do Serviço de Inteligência Britânico. Desde algum tempo, disfarçado de árabe, vivia atrás das linhas alemãs. Haselden informou-os a respeito do terreno, dando-lhes exata descrição dos lugares (o Major Keyes fazia anotações em um caderno). Além disso, deixou-lhes

três guias árabes. Em seguida...desapareceu de cena!

O grupo passou essa primeira noite escondido na vegetação da margem de um "wadi"(rio temporário, em árabe). Na manhã seguinte, sete homens, sob comando de um tenente, foram destacados para interromper as ligações telegráficas ao sul de Cirene.

Após progredir em terreno escarpado, o restante do grupo refugiou-se em uma das muitas cavernas existentes na região, para passar a noite.

O dia marcado para a operação - 17 de novembro, à semelhança dos anteriores, amanheceu chuvoso. A lama dificultava a progressão dos homens e, em alguns trechos, subia-lhes à altura dos tornozelos. Caminhando de armas em punho, atingiram o conjunto de prédios de Beda-Littoria, às 23:30 horas.

O major Keyes dispôs o efetivo para uma ação coordenada: ele, o capitão Campbell e o sargento Terry entrariam pela frente do edifício da Prefeitura - um prédio de dois pavimentos. Três homens deveriam forçar a entrada dos fundos e um outro grupo se encarregaria de explodir o conjunto gerador de eletricidade.

Eram 23:50 h., quando Keyes, Campbell, Terry e mais alguns Comandos esgueiraram-se até à entrada do edifício. A chuva engrossara; raios e trovões compunham o pano de fundo para a aventura.

O sargento Terry deveria matar a sentinela que guarnecia a porta de entrada, cortando-lhe a garganta com um único golpe de punhal. Deu-se, aí, o primeiro

imprevisto: no instante do golpe, o soldado alemão fez um movimento... e a faca resvalou. Começa, então, uma luta corpo a corpo de conseqüências imprevisíveis. Enquanto luta, a sentinela grita por socorro, mas o fragor da tempestade abafa-lhe os gritos, bem como disfarça o barulho da explosão do conjunto gerador de eletricidade. A luta prossegue na escuridão, o que impede aos ingleses o uso de suas pistolas. À certa altura do combate, a sentinela cai contra a porta do depósito de armas e munição, despertando dois militares que ali dormiam. Empunhando metralhadoras, dirigem-se à porta, no exato instante em que os ingleses lançam a primeira granada. O sargento alemão recebe a carga de estilhaços e cai; seu ajudante tem mais sorte e mantém o tiroteiro.

No andar de cima, o tenente alemão Kaufholz foi o único a ouvir os gritos da sentinela. Saltou da cama à procura da pistola. Foi quando ouviu as explosões das granadas. Lançou-se para o corredor e desceu a escada. À luz dos relâmpagos, avistou os ingleses, mas Campbell também viu. Kaufholz atirou primeiro e o major Kayes tombou com um grito abafado. Quase ao mesmo tempo, Campbell esvaziou o carregador da metralhadora sobre Kaufholz. Mortalmente ferido, enquanto rolava os degraus, ainda conseguiu estilhaçar a tibia de Campbell com o derradeiro disparo.

No segundo pavimento ressoavam vozes e o sargento Terry, agora no comando da operação, concluiu que a surpresa falhara. Ao ouvir o crepitar de uma metralhadora no lado de fora, pensou que a reação inimiga se organizara. Com os chefes fora de combate, não viu outra saída, além da fuga na escuridão da noite.

Enquanto isso, outro drama se desenrolava com os homens encarregados da entrada dos fundos: a porta levava a uma

pequena dependência atravancada por mesas e prateleiras. A um canto um alçapão dava para uma escada-em-caracol, que ia ter a um porão, onde dormiam um sargento e um cabo. Esse cabo - um idoso pai de família, não suportava dormir com aquela porta aberta, pois nem mesmo fechadura possuía. Em razão disso, barricava-a todas as noites, com uma grande lata de água fria entalada contra a prateleira. Estava ali um ferrolho impossível de fazer saltar com qualquer alavanca. Apesar dos esforços dos ingleses, a porta resistiu!

Ouviu-se mais uma salva de metralha e um grito ressoando na escuridão. Depois ... o silêncio.

Ao descerem, os oficiais alemães encontraram o cadáver de Kaufholz na escada e no vestibulo jazia um oficial inglês, com o rosto pintado de preto. O capitão Campbell, com a tibia reduzida a fragmentos, tentara se arrastar em direção à porta de saída, mas tropeçara em algo e caíra: eram as pernas da sentinela alemã estendida de viés no corredor. O robusto soldado ficara com a parte superior do corpo tombada no depósito de armas; suas costas estavam crivadas de estilhaços de granada.

Além do Major Keyes e do tenente Kaufholz, mais três militares alemães morreram, dentre eles, um tenente e um sargento.

Todos eles foram sepultados com honras militares. O capitão Campbell teve a perna amputada em um hospital italiano. A sentinela alemã conseguira sobreviver aos ferimentos. Fora ele o herói daquela noite tempestuosa. Graças à sua coragem, fizera malograr o objetivo dos ingleses. Porém, apesar do empenho, nunca foi encontrado, a fim de que relatasse a sua parte na

aventura, e que não fora pequena. Pertencia ele a uma unidade da "Feldgen-darmerie", cujos homens não eram pessoalmente conhecidos pelo Estado-Maior da Intendência Alemã.

Dos vinte e nove Comandos ingleses participantes da incursão, apenas o sargento Terry e o coronel Laycock conseguiram escapar. Arrostraram as peripécias de uma fuga de quarenta e um dias através do deserto inóspito, até alcançarem as linhas aliadas.

Quanto aos prisioneiros, o General von Rommel ordenou que fossem tratados como prisioneiros de guerra, contrariando um decreto de Hitler sobre os Comandos inimigos, que mandava fuzilá-los.

Encerrava-se, assim, a aventura montada em riqueza de pormenores e que falhara pela intervenção de alguns erros, alguns acasos e ... alguns homens. Como epítáfio para essa tragicomédia, bem poderia inscrever-se a ironia contida no fato comprovado de que o General von Rommel não estava e jamais estivera em Beda-Littoria, que era apenas o Quartel-General do Serviço de Abastecimento dos exércitos italo-germânicos na Cirenaica.

Bibliografia Consultada

"Afrika Korps"- Paul Carell

"The Phantom Major" - Virginia Cowles

"Tobruk"- Anthony Hecstall Smith

"Comandos - Os Soldados-Fantasmas" - Peter Young

"Um professor na guerra" - Sir David Hunt

SISTEMA DE ARQUIVO DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA

Dia 9 de outubro último, o Prefeito Paulo Hartung reuniu, em seu gabinete, membros de seu secretariado, diversos vereadores, funcionários municipais, representantes da imprensa e de instituições culturais, para anunciar o teor da Lei nº 4248, de 10.10.95, aprovada pela Câmara e por ele sancionada, que "dispõe sobre a política municipal de gestão de documentos, institui o Sistema de Arquivo do Município de Vitória e estabelece outras providências".

Segundo a lei, os objetivos do Sistema são os seguintes:

- I - desenvolver política de gestão de documentos adequada à realidade municipal e compatível com a necessidade de racionalização administrativa;
- II - promover a integração das diferentes fases do ciclo de vida dos documentos;
- III - assegurar condições de conservação, proteção e acesso ao patrimônio arquivístico municipal, para servir como referência, informação, prova e fonte de pesquisa.

Para gerenciar o sistema, deliberar sobre suas diretrizes e normas, coordenar a implantação do processo de avaliação documental e contribuir para o aprimoramento de técnicas de reprodução de documentos, foi criado um Conselho Gestor - resumido na sigla COGESA - que será composto por representantes do Poder Executivo, indicados pelo Prefeito Municipal, do Poder Legislativo, indicados pelo Presidente da Câmara de Vereadores, e da sociedade civil, indicado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Nossa instituição se sente muito honrada pela distinção com que foi contemplada e pode assegurar que tem condições para colaborar efetivamente no funcionamento do Sistema, visto possuir um excelente quadro de associados, entre os quais vários historiadores e arquivistas de muito bom nível, sempre atentos ao fato de que um arquivo público bem organizado é fator importante na preservação da História, um de nossos principais objetivos.

Enfim, congratulamo-nos com o jovem e dinâmico Prefeito Paulo Hartung, com os membros do Poder Legislativo Municipal e com os Funcionários da Prefeitura pela feliz iniciativa.

Prezado consócio:

Não basta pagar as anuidades: seu comparecimento a nossas reuniões é indispensável.